

POVÃO DE DEUS ATROPELANDO BARREIRAS

Não vou reportar a ordenação sacerdotal do negro Ailton, na catedral de Nova Iguaçu. Faz tanto tempo que já não é notícia para reportagem. Foi em novembro do ano passado, dia do Zumbi. Além da distância no tempo, existem níveis profundos que são irreparáveis. A fotografia capta as exterioridades. Na celebração eclesiástica daquele dia, atingiram-se níveis mais profundos e essenciais do que a mera preocupação jornalística. Foi daqueles raros momentos de harmoniosa convivência entre o que possuímos de puro, de parecido com o modelo original de felicidade interior, segundo o qual nos ensinam que fomos criados.

A pessoa foi criada com níveis diferentes de possibilidades existenciais. Níveis mais superficiais e níveis mais profundos. Na busca da alegria ou, se quiserem, da felicidade, atravessamos momentos de vibração, os quais curtimos através das atitudes apropriadas: cantamos, dançamos, assoviamos, batemos palmas. Saímos do esconderijo de nós mesmos, porque perdemos o medo, no sentimento de sermos irmãos. Pois bem, tais atitudes não apenas se intensificam mas mudam de essência, quando produzidas pelo nível profundo da religiosidade. Aí, tendência e necessidade da alegria batem à porta de sua própria fonte. Plantando as raízes de sua alegria nas terras divinas do seu nível religioso, o ser humano faz caminhada de volta, que o aproxima à humanidade original, pura e feliz como saiu das mãos do Criador, naquela manhã do sexto dia. Um destes momentos de graça foi intensamente vivido na catedral de Nova Iguaçu, durante a ordenação sacerdotal do negro Ailton. Ailton negro e pobre, descendente dos escravos. Tudo o que nossa Igreja tem de melhor, mais forte e poderoso reuniu-se, em seu máximo esplendor, por causa e em função do Ailton pobre e negro, alçado agora ao trono do qual os poderosos foram, em sua cegueira, derrubados.

O Ailton pobre e negro, agora glorificado em sua ordenação para o serviço ao Povo

de Deus, confirma profundas intuições. Não é o grande que liberta o pequeno. Não é a burocracia eclesiástica que vai libertar o Povo de Deus. Não são os códigos formais que abrirão as portas para o Povo de Deus passar. Passos à frente serão dados, se o Povo oprimido de Deus der passos à frente. Na liturgia e nas celebrações, serão conquistados espaços, se o Povo inibido de Deus, em sua criatividade e inocência, atropelar os formalismos bem comportados e estéreis, a fim de fazer valer sua espontaneidade e a riqueza de seus sentimentos, de sua música, de sua dança. Nessa hora, não são os profissionais da religião, mas o Povo santo de Deus que diz *presente!*

O acontecimento eclesiástico da ordenação do Ailton traz muitos recados a nós, burocratas religiosos. Lembra a imensa responsabilidade da Igreja oficial, quando ela impede que passos libertadores sejam dados; que a liturgia seja expressão da alma do povo; que a alegria espontânea, abrindo as portas do melhor de nós mesmos, seja impedida de comparecer à festa, pela presença impiedosa dos ritualismos formalistas. Estes têm mais a ver com manutenção de poderes e menos com povo oprimido celebrando a libertação. Não entendo como a administração central de nossa Igreja não percebe isso, não vê o pecado que estamos cometendo: por causa de formalismos autoritários, impedimos que o Povo espoliado de Deus tenha acesso ao serviço libertador de ministérios menos dificultados pela ânsia insensata de patrulhamento em cima do Espírito.

A celebração das ordens do Ailton é prova singela da Igreja Povo de Deus: a Igreja avança, se o Povo de Deus avançar; a Igreja se solta, se o Povo de Deus se soltar; a Igreja se livra dos emperros burocráticos, se o Povo de Deus atropelá-los; a Igreja se aproxima à alegria de Deus, se seu Povo derrubar as cercas e apoderar-se das fontes; o Espírito chega de volta à Igreja, se seu Povo liberta-l'O das gaiolas. (F.L.T.)

LINHAS PASTORAIS

DIVISÕES INTERNAS

- No começo da Semana Santa, quando a Liturgia nos leva à vivência do mistério da Páscoa, podemos lançar um rápido olhar para as divisões internas do nosso Povo.
- Divisões? Mas onde estão as divisões neste imenso país que é um só do Oiapoque ao Chuí? Não se tem ressaltado, com louvor, a unidade do Brasil, uma língua, uma tradição, uma cultura, uma religião de sul a Norte, de Leste a Oeste? O Brasil não conseguiu o milagre histórico de conservar-se uno, quando a colônia espanhola se esfacelou em 18 países? E no entanto...
- A Campanha da Fraternidade de 1988, com o tema: "A Fraternidade e o Negro", com o lema: "Ouvi o clamor deste Povo" veio chamar nossa atenção para uma divisão interna, do Povo brasileiro, de que nunca tomamos consciência clara.
- A História do Brasil, como tem sido escrita até hoje, partiu de critérios parciais,

exprimiu a visão portuguesa do conquistador ou exprime a visão elítica do brasileiro culturalmente elevado.

- Nessa visão distorcida, índios e negros tiveram sempre um lugar "privilegiado": foram antigamente os fornecedores de mão-de-obra escrava, foram aqueles que tiveram de ser submetidos à força, sem que nunca tivessem sido integrados no mundo português; foram aqueles que viveram sempre à margem da evolução brasileira consciente.
- No princípio deste século, seguindo embora ideologia que hoje não podemos aceitar, o grande Euclides da Cunha teve uma intuição genial quando recordava a chamada Guerra de Canudos (1896-1897):

• "A campanha de Canudos tem por isto a significação inegável de um primeiro assalto, em luta talvez longa. Nem enfraquece o asserto o termo-la realizado nós filhos do mesmo solo, porque, etnologicamente indefinidos, sem tradições nacionais uniformes, vivendo parasitariamente à beira do Atlântico dos princípios civilizadores elaborados na Europa e armados pela indústria alemã — tivemos

IMAGEM DE JUSTA INJUSTIÇA

1. Olhem nas caras, olhem nos olhos. Quem são estes homens e mulheres que invadem terras do grão-senhor? São apenas irmãos deserdados que, na partilha injusta do chão, ficaram sem chão, ao deus-dará. Aí estão as terras imensas do grão-senhor, terras abandonadas, estéreis, terras improdutivas, mas férteis. O lavrador sente sempre o cheiro da terra boa. E sente o peso do dia estéril e sem trabalho. Sente o braço forte, sente o chão fecundo. Mas entre o braço e o chão, a lei que defende a terra improdutiva e abandonada.

2. Nem pensam nem refletem: tomam conta do que sem conta está, terra do Pai, terra também de irmãos nos quais desponta esperança infalível que não trai. Usam apenas foice, enxada, ancinho, facão, escavadeira — instrumental de trabalho penoso. De mansinho o deserto se faz messe e frutal. Quem te viu e quem te vê, terra boa, desprezada, que somente desejavas do suor ser fecundada. Na cara desta mulher crestada de muitos sóis adivinhas o milagre que o labor causa depois. Sede bendito, Senhor, na lavra do lavrador.

3. O grão-senhor acordou ao sopor da viração que traz do campo o perfume da terra e da plantação. Acordastes, grão-senhor? Que sonhos tendes sonhado? Sonhastes ver o deserto em dinheiro transformado? Ou sonhastes ver um dia o milagre do deserto produzindo frutos, flores, pelo trabalho deserto? Nem sonhos nem utopia: de invasores a malícia resolve-se na Justiça com auxílio da polícia. Começa a bárbara cena de inaudita crueldade: juntam-se as forças do mal na mesma brutalidade. Senhor Deus de nossos Pais, vosso Povo não olhai? (A.H.)

na ação um papel singular de mercenários inconscientes.

• "Além disto, mal unidos àqueles extraordinários patrícios pelo solo em parte desconhecido, deles de todo nos separa uma coordenada histórica — o tempo. Aquela campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime" (Os Sertões, p. X).

• Um século depois ainda não se deu a integração do nosso Povo. Continuamos a ser, de um lado, uma pequena élite militar, cultural, econômica e política — que exerce, segundo critérios próprios, todo o poder, e do outro lado a imensa multidão do Povo brasileiro, agora composta de brancos, deserdados e empobrecidos, de descendentes de negros e de índios. São dois Brasis que mal se comunicam e se aproximam, que não têm a consciência da integração.

• Com seus temas, sempre atuais, a Campanha da Fraternidade, tantas vezes mal compreendida e mal interpretada, é a mais eficiente tentativa, ano por ano, para acelerar o processo de integração do Povo brasileiro. (A.H.)

DOMINGO DE RAMOS E DA PAIXÃO DO SENHOR (27-03-1988)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote; Sl = Salmista; * = Indica que se pode usar outro texto.
Cânticos: Missa "OUVI O CLAMOR DESTE POVO", CF-88, CNBB.

PROCESSÃO DE RAMOS

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA

1. Olha, que eu vim lá de longe,
perdendo raízes, encravado porões.
Olha cruzei tantos mares, pisei novas terras, sofrendo grilhões.
Mas meu canto bonito nem dor, nem corrente
jamais abafou. Pois ser livre eu queria, meu Deus, é a força de quem confiou.
2. Olha, vendido em leilão, moído em engenhos,
plantei meu suor. Olha, nos campos roçados reguei com meu sangue meu sonho maior.
3. Olha, eu venho sofrido, com todo oprimido, cantar sem temor. Olha, que vem tempo novo, trazer para o povo um dia melhor.
4. Olha, rompendo correntes pra nós, liberdade, enfim, vai chegar. Olha, trazendo esperança ao Deus da Aliança nós vamos cantar.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. P. Amém!
S. Irmãos, o Amor do Pai que nos fortalece, a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo que nos torna fraternos, e a luz permanente do Espírito Santo desçam sobre vós e vos unam para sempre.
P. Bendito seja Deus / que nos reuniu no amor de Cristo e no amor e nos irmãos.

* 3 SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

C. Celebraremos a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. Domingo de Ramos, comemoramos nossa fé em Jesus Cristo, o verdadeiro Messias. Jesus ensina que o poder deve ser exercido através do serviço fraterno. O Filho de Deus abriu mão de seus privilégios e assumiu a condição humana, obedecendo ao Pai até à morte e morte de Cruz.

4 BÊNÇÃO DOS RAMOS

C. Irmãos, recebemos Jesus, o Filho de Deus, com palmas e flores, aplausos e ramos. Que os erros do passado não sejam praticados por nós. Jesus está no meio de nós, na pessoa do irmão carente, sofrido e discriminado, com fome e sedento de justiça.

S. Oremos: Deus eterno e todo-poderoso, abençoai estes ramos. Segundo com alegria o Cristo nosso Rei, chegemos por Ele à eterna Jerusalém. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.
P. Amém!

5 EVANGELHO

C. Jesus se apresenta como Rei humilde e pobre. Nós somos seu povo, a multidão que o aclama.
S. O Senhor esteja conosco.
P. Ele está no meio de nós!
S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos (11,1-10).

P. Glória a vós, Senhor!

S. Quando se aproximaram de Jerusalém, na altura de Betfagé e de Betânia, junto ao monte das Oliveiras, Jesus enviou dois discípulos, dizendo: "Vão até o povoado que está em frente e, logo que ali entrarem, encontrarão amarrado um jumentinho que nunca foi montado; desamarrem o animal e o tragam aqui! Se alguém disser: 'Por que estão

fazendo isso?' digam: 'O Senhor precisa dele, mas logo o devolverá'". Eles foram e encontraram um jumentinho amarrado junto a uma porta, do lado de fora, na rua, e o desamarraram. Alguns dos que estavam ali disseram: "O que vocês estão fazendo, desamarrando este jumentinho?" Os discípulos responderam como Jesus havia dito e eles permitiram. Trouxeram então o jumentinho a Jesus, colocaram sobre ele seus mantos e Jesus montou. Muitos estenderam seus mantos pelo caminho, outros espalharam ramos que haviam apanhado nos campos. Os que iam na frente e os que vinham atrás gritavam: "Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor! Bendito seja o reino que vem, o reino de nosso pai Davi! Hosana no mais alto do céu!" — Palavra da Salvação. — P. Louvor a vós, ó Cristo!

6 PROCESSÃO

S. O povo aclamou Jesus na sua entrada em Jerusalém. Caminhamos e cantemos vitórias e hosanas ao Cristo, Rei dos reis:
(Cantos de aclamação a Cristo-Rei e de caminhada...).

7 COLETA

S. Oremos: Deus eterno e todo-poderoso, para dar aos homens um exemplo de humildade, quisesse que nosso Salvador se fizesse homem e morresse na cruz. Concede-nos aprender o ensinamento da sua Paixão e ressuscitar com Ele em sua glória. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo.
P. Amém!

LITURGIA DA PALAVRA

8 PRIMEIRA LEITURA

C. Ser profeta é escutar os clamores do povo, que marcha na busca da fraternidade.

L. Leitura do Livro do Profeta Isaías (50,4-7). — "O Senhor Deus me ensinou a falar como alguém que aprende dele, para que eu saiba dar uma palavra de conforto à pessoa abatida. Cada manhã, ele desperta meu ouvido para prestar atenção, como faz um aluno. O Senhor Deus abriu meu ouvido e não fiquei rebelde nem voltei atrás. Apresentei minhas costas aos que me batiam e meu rosto aos que me arrancavam a barba. Não escondi meu rosto diante das injúrias e cuspidas. O Senhor Deus me presta socorro, por isso não me deixei vencer pelas injúrias; por isso conservei o rosto insensível como pedra que rola e tenho certeza de que não vou ficar decepcionado". — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

9 SALMO DE MEDITAÇÃO

(Sl 21)

C. Mesmo perseguidos e ameaçados, anunciamos a força do nome do Senhor aos irmãos:

"Ouvi deste povo oprimido o clamor / e vim libertá-lo", nos diz o Senhor.

Sl. 1. Riem de mim todos aqueles que me vêem / torcem os lábios e sacodem a cabeça / "Ao Senhor se confiou, ele o liberta / e agora o salve, se é verdade que ele o ama" 2. Cães numerosos me rodeiam furiosos / por um bando de malvados fui cercado. / Transpassaram minhas mãos e os meus pés / e eu posso contar todos os meus ossos.

3. Eles repartem entre si as minhas vestes / e sorteiam entre eles minha túnica. / Vós, porém, ó meu Senhor, não fiqueis longe, / ó minha força, vinde logo em meu socorro.

4. Anunciarei o vosso nome a meus irmãos / e no meio da assembleia hei de louvar-vos. / Vós que temeis o Senhor Deus, dai-lhe louvores, / glorificai-o, descendentes de Jacó!

10 SEGUNDA LEITURA

C. São Paulo nos apresenta Jesus como modelo de humildade e fidelidade ao Pai.

L. Leitura da Carta de São Paulo Apóstolo aos Filipenses (2,6-11). — "Irmãos: Cristo Jesus era de condição divina e tinha todo o direito de conservar essa condição. Mas ele se esvaziou, aceitando a condição de escravo, fazendo-se igual aos homens. Apresentando-se como simples homem, ele se rebaixou e foi obediente até à morte, e morte de cruz! Por isso, Deus lhe deu a mais alta honra e o exaltou com o Nome que está acima de todo e qualquer outro nome. Assim, diante do nome de Jesus, todos os joelhos se dobraram no céu, na terra e abaixo da terra. E toda língua proclame, para a glória de Deus Pai: Jesus é o Senhor! — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

11 CANTO DE ACLAMAÇÃO

Jesus Cristo, és bendito, és ungido, vem falar! Vem remir-nos do pecado e oprimidos libertar! Sl. 1. Jesus Cristo se humilhou e se fez obediente; / obediente até à morte e morte numa cruz.

2. Por isso Deus o exaltou sobremaneira em sua glória / e deu-lhe o nome mais sublime, muito acima de outro nome.

12 EVANGELHO

(J = Jesus; L = Leitor; N = Narrador; P = Povo; Pi = Pilatos)

C. O Povo aclamou Jesus na entrada de Jerusalém. Mas o deixou sozinho, quando os chefes e os poderosos condenaram à morte. Aquela que curou e saciou a fome de muitos. S. Paixão de nosso Senhor Jesus Cristo segundo Marcos (15,1-39):

N. De manhã bem cedo, os sumos sacerdotes, com os anciãos, os doutores da Lei e todo o Sinédrio, reuniram-se e tomaram uma decisão. Levaram Jesus amarrado e o entregaram a Pilatos. Pilatos o interrogou: Pi. "Tu és o rei?"

dos judeus?" J. "É COMO DIZES". N. Os sumos sacerdotes faziam muitas acusações contra Jesus. Pilatos o interrogou novamente: Pi. "Nada tens a responder? Vê de quanta coisa te acusam!" N. Mas Jesus não respondeu mais nada e Pilatos ficou admirado. Por ocasião da Páscoa, Pilatos soltava o prisioneiro que eles pedissem. Havia então um preso, chamado Barrabás, entre os bandidos que, numa revolta, tinha cometido um assassinato. A multidão subiu a Pilatos e começou a pedir que ele fizesse como era costume. Pilatos perguntou: Pi. "Vocês querem que eu solte o rei dos judeus?" N. Ele bem sabia que os sumos sacerdotes haviam entregado Jesus por inveja. Porém os sumos sacerdotes atiçaram a multidão, para que Pilatos lhes soltasse Barrabás. Pilatos perguntou de novo: Pi. "Que farei então com Jesus, que vocês chamam de rei dos judeus?" P. "Crucifica-o!" Pi. "Mas que mal ele fez?" N. Eles, porém, gritaram com mais força: P. "Crucifica-o!" N. Pilatos, querendo satisfazer a multidão, soltou Barrabás, mandou flagelar Jesus e o entregou para ser crucificado. Então os soldados o levaram para dentro do palácio, isto é, o pretório, e convocaram toda a tropa. Vestiram Jesus com um manto vermelho, teceram uma coroa de espinhos e a puseram em sua cabeça. E começaram a saudá-lo: L1. "Salve, rei dos judeus!" N. Batiam-no na cabeça com uma vara. Cuspiam nele e, dobrando os joelhos, prestavam-lhe homenagem. Depois de zombarem de Jesus, tiraram-lhe o manto vermelho, vestiram-no de novo com suas próprias roupas e o levaram para fora, a fim de crucificá-lo. Os soldados obrigaram um certo Simão de Cirene, pai de Alexandre e de Rufo, que voltava do campo, a carregar a cruz. Levaram Jesus para o lugar chamado Gólgota, que quer dizer "Calvário". Deram-lhe vinho misturado com mirra, mas ele não o tomou. Então o crucificaram e repartiram as suas roupas, tirando a sorte, para ver que parte caberia a cada um. Eram nove horas da manhã, quando o crucificaram. E ali estava uma inscrição com o motivo de sua condenação, "O Rei dos Judeus". Com ele crucificaram dois ladrões, um à direita e outro à esquerda de Jesus. Os que ali passavam o insultavam, balançando a cabeça e dizendo: L1. "Ei! Você que ia destruir o Templo e reconstruí-lo em três dias, salve-se a si mesmo, descendo da cruz!" N. Do mesmo modo, os sumos sacerdotes, junto com os doutores da Lei, zombavam entre si, dizendo: L2. "A outros salvou, a si mesmo não pode salvar!" L1. O Messias, o rei de Israel! L2. "Desça agora da cruz, para que vejamos e acreditemos!" N. Os que foram crucificados com ele também o insultavam. Quando chegou o meio-dia, houve es-

curidão sobre toda a terra, até as três horas da tarde. Pelas três da tarde, Jesus gritou com voz forte: J. "ELOI, ELOI, LAMÁ SABACTÂMI? — MEU DEUS, MEU DEUS, POR QUE ME ABANDONASTE?" N. Alguns dos que estavam ali perto, ouvindo-o, disseram: L1. "Vejam, ele está chamando Elias!" N. Alguém correu e embebeu uma esponja em vinagre, colcou-a na ponta de uma vara e lhe deu de beber dizendo: L2. "Deixem! Vamos ver se Elias vem para tirá-lo da cruz". N. Então Jesus deu um forte grito e expirou. Neste momento, a cortina do santuário rasgou-se de alto a baixo, em duas partes. Quando o oficial do exército, que estava bem na frente da cruz, viu como Jesus havia expirado, disse: L1. "Na verdade, este homem era mesmo Filho de Deus!"

* 13 PREGAÇÃO — PARTILHA

14 PROFISSÃO DE FÉ

15 ORAÇÃO DOS FIEIS

S. Irmãos, Cristo nos amou tanto que deu a própria vida, na fidelidade ao Pai. Façamos nossas preces a Deus, em comunhão com os irmãos, na força do Espírito Santo:

L1. Que a nossa Igreja continue caminhando na fidelidade às suas opções pelos mais pobres e mais sofridos; pelos jovens e menores abandonados; pelos índios, lavradores, mulheres e negros, rezemos:

P. O Senhor, ouvi-nos! / O Senhor, atende-nos!

L2. Pelo nosso Papa João Paulo, nosso bispo..., padres, ministros, agentes de pastoral e todos os nossos irmãos, que conosco convivem. Nossa missão evangelizadora seja fiel e profética, no caminhar da história, rezemos:

L3. Por os nossos irmãos negros, mulheres, deficientes físicos e mentais, idosos, drogados e menores abandonados, tantas vezes discriminados em nossa sociedade, rezemos:

(Outras intenções da comunidade...).

S. Senhor, escutai o clamor do vosso Povo, que sofre e morre, mas que confia em vós, na esperança e na busca da justiça fraterna. Por Cristo nosso Senhor.

P. Amém!

LITURGIA EUCARÍSTICA

16 CANTO DAS OFERTAS

Trazemos no vinho e no pão a história do povo sofrido, do negro e de todo oprimido, lutando por liberdade.

1. Ouvi o clamor deste povo, sofrendo, sem ter liberdade, que insiste em criar mundo novo, fundado na fraternidade!
2. Ouvi deste povo o clamor, da negra mulher explorada, buscando justiça e amor, em terra de paz, tão sonhada.
3. Ouvi o clamor deste povo na oferta do vinho e do pão! Mandai-nos o Espírito novo do amor, que liberta o irmão! —

17 ORAÇÃO DAS OFERTAS

S. Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor, por tuas mãos, este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.

S. O Deus, pela Paixão de nosso Senhor Jesus Cristo, sejamos reconciliados convosco. Ajudados pela vossa misericórdia, alcancemos, pelo sacrifício de vosso Filho, o perdão que não merecemos, mas que vós nos destes. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo. P. Amém!

18 ORAÇÃO EUCARÍSTICA

(Prefácio próprio. No fim canta-se):

P. (canta): Santo, Santo, Santo!...
(A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração):

S. (canta): Eis o mistério da Fé!
P. (canta): Toda vez que se come
deste Pão / toda vez que se bebe
deste Vinho / se recorda a Paixão
de Jesus Cristo / e se fica esperando a sua
volta. Vem, ó Senhor! Vem, ó Senhor! Vem,
Senhor Jesus, vem!

19 CANTO DA COMUNHÃO

 Antífona: A CAMINHO DO ALTAR, O SENHOR, VAI TEU POVO EM CONFIANTE ORAÇÃO, POIS TU OUVES DO POBRE O CLAMOR POR JUSTIÇA E POR LIBERDAÇÃO.

Vem, Senhor, com teu vinho e teu pão dar ao povo união e vigor, para o negro libertarse da opressão e vivermos a justiça e o amor!

1. Quanto ídolo, quanta mentira, que nos fazem viver na opressão! Da presença de Deus nos retiram, nos afastam do amor ao irmão.
2. Transfigura, ó Senhor, nossa vida e nos faze viver como irmãos: não teremos mais gente oprimida, nunca mais haverá escravidão!

20 AÇÃO DE GRAÇAS

 S. Oremos: O Deus, fortalecidos pelo Corpo e Sangue de vosso Filho Jesus Cristo, que por sua Cruz nos redimiu, queremos nos comprometer a ouvir o clamor deste povo. Por sua ressurreição, ajudai-nos a vencer a morte para que, um dia, participemos de sua glória. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo. P. Amém!

RITO FINAL

21 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade).

C. Aprendamos a viver, com Cristo, nossa vocação de serviço e solidariedade aos irmãos. Fazer a vontade do Pai é participar do convívio fraternal com os semelhantes e com o Cristo, nosso Irmão, servidor e Rei, que se coloca, com fidelidade, ao nosso lado.

22 BÊNÇÃO FINAL

23 CANTO DE SAÍDA

LEITURAS PARA A SEMANA:

2ª-feira: Is 42,1-7; Jo 12,1-11. / 3ª-feira: Is 49,1-6; Jo 13,21-33,36-38. / 4ª-feira: Is 50,4-9a; Mt 26,14-25. / 5ª-feira: Ex 12,1-8,11-14; 1Cor 11,23-26; Jo 13,1-15 (Ceia do Senhor). / 6ª-feira: Is 52,13—53,12; Hb 4,14-15; 5,7-9; Jo 18,1—19,42 (Paixão). / Sábado: Gn 1,126-31a; Ex 14,15—15,1; Rm 6,3-11; Mc 16,1-8 (Vigília Pascal). / Domingo: At 10,34a,37-43; Cl 3,1-4 ou 1Cor 5,6b-8; Jo 20,1-9 ou Mt 28,1-10 Missa Vespertina: Lc 24,13-35 (Páscoa).

POR QUE MATARAM JESUS

José Pedro de Alcântara

Não o prendamos durante a festa. O povo pode se revoltar. Os que planejavam o assassinato de Jesus sabiam que o povo estava do lado dele. Jesus tomara partido. Não ficara neutro. Ele se colocara do lado dos pobres contra a exploração dos ricos, do lado da autêntica religião do povo contra uma religião ritualística e opressora.

A palavra de Jesus é uma mensagem política. Reboas abóbodas das igrejas, mas também nas praças, nas fábricas, nos quartéis e nos palácios. Jesus veio para proclamar que temos um Pai comum e que todos somos irmãos. Por isto, as relações pessoais e sociais devem basear-se na igualdade, na participação e no respeito pelas diferenças. No entanto, a rea-

lidade que vivemos não é nada evangélica. Nas fábricas, o patrão que manda e paga e o empregado que obedece e trabalha. Nos nossos prédios, a porta social é para os moradores e os de sua classe e a porta dos fundos para os serviços e os de sua laia. Na economia, manda a lei do mercado, isto é, a lei do mais forte. Chamar a isto de "civilização cristã" é uma afronta ao Evangelho e uma blasfêmia contra o projeto social de Deus.

Por que queriam matar Jesus? Porque contrariava os interesses dos donos da religião que viviam de tradições acarinhadoras, que buscavam a salvação pelo legalismo, que se vangloriavam da própria santidade. Contrariava também os interesses dos latifundiários, agio-

tas, grandes comerciantes, todos insaciáveis na acumulação e desfrute de bens e prazeres. E Jesus, como todos os que proclamam e lutam por causas populares, não morreu tranquilo, na cama, em odor de santidade. Foi morto, assassinado. Morreu como um marginal, um subversivo, agitador, revolucionário. A maldição que a classe dominante jogou sobre ele tornou-se bênção na memória dos pobres que recolheram seus ditos, fatos e seus projetos frustrados, conservando-os e revivendo-os nas lutas cotidianas por mais dignidade. Celebrar a paixão, morte e ressurreição de Jesus é resgatar sua palavra e sua prática de libertação de todo o mal: físico, espiritual, econômico e político.

EM TORNO DA LITURGIA

O LUGAR DA ASSEMBLÉIA

Frei Alberto Beckhäuser, OFM

"Disponham-se os lugares dos fiéis com todo o cuidado, de sorte que possam participar devidamente das ações sagradas com os olhos e o espírito. Convém que haja habitualmente para eles bancos ou cadeiras, mas seja reprovado o costume de reservar lugares para determinadas pessoas. Disponham-se as cadeiras ou bancos de tal forma que os fiéis possam facilmente assumir as posições requeridas pelas diferentes partes da celebração e aproximar-se sem dificuldades da sagrada Comunhão. Gide-se que os fiéis possam não só ver o sacerdote ou os outros ministros, mas também, graças aos instrumentos técnicos modernos, ouvi-los com facilidade" (Instr., n. 273). Compreendemos por que hoje não se pode mais conceber uma igreja cheia de colunas e muito longa.

Dentro desta compreensão de assembléia dos fiéis, não há mais lugar para um coro no

fundo da igreja, no alto e separado da assembléia. O grupo de cantores ou coral faz parte da assembléia. Por isso, diz o n. 274: "O grupo de cantores deve ser colocado de tal forma que se manifeste claramente sua natureza, isto é, que faz parte da assembléia dos fiéis, onde desempenha um papel particular. Sua posição deve favorecer o desempenho de sua função litúrgica e permitir que todos os membros possam participar plenamente da Missa, inclusive pela Comunhão".

Se a assembléia dos fiéis recebe tal importância no todo da disposição das igrejas, podemos nos perguntar em que consiste esta sua função. A resposta é dada nos n. 62 e 63: "Na celebração da Missa os fiéis constituem o povo santo, o povo adquirido e o sacerdócio régio, para dar graças a Deus e oferecer o sacrifício perfeito, não apenas

pelas mãos do sacerdote, mas também juntamente com ele, e aprender a oferecer-se a si próprios. Esforcem-se, pois, por manifestar isso através de um profundo senso religioso e da caridade para com os irmãos que participam da mesma celebração.

Por isso evitem qualquer tipo de individualismo ou divisão, considerando sempre que todos têm um único Pai nos céus, e, por este motivo, são todos irmãos entre si. Formem um só corpo, seja ouvindo a palavra de Deus, seja tomando parte nas orações e no canto, ou sobretudo na oblação comum do sacrifício e na comum participação da mesa do Senhor. Tal unidade se manifesta muito bem quando todos os fiéis realizam em comum os mesmos gestos e assumem as mesmas atitudes externas". Veja também os números 14 a 17.

AS LIÇÕES DE UM POVO FORTE

Carlos Mesters

O povo negro, ferido, disperso e massacrado, cultivou, assim mesmo, seus valores e sua cultura, com tenaz resistência e esperança. Isso foi possível, principalmente, pela força dos valores religiosos internalizados de maneira quase única na história. A semelhança do povo de Israel, sua cosmovisão era inteiramente centrada no religioso. Igualmente, sua identidade pessoal e grupal era nela fundada. Isto permaneceu e foi reforçado, quando o povo negro assimilou aspectos da fé cristã.

FAMÍLIA E VIDA — O conceito e práxis da "grande família", impregnado de profunda religiosidade, foi conservado, tornando-se uma das grandes mediações para a resistência e sobrevivência da comunidade negra. A "família" não era constituída apenas de pais, filhos e parentes. Ela englobava os antepassados, os elementos da natureza, especialmente a terra. Nesse esquema, a vida é sagrada e supera a força da morte. O nascimento é um ato divino e a morte é vista também sob a ótica religiosa. A ligação com os ancestrais, a vinculação com a mãe-Africa — projetada como "terra prometida" e sentida como "paraíso perdido" — é garantia de identidade negra e fonte de resistência.

SINCRETISMO RELIGIOSO — Muitos chefes de religiões tradicionais da África, reduzidos aqui à condição de escravos, mostraram grande capacidade em continuar aglutinando seus companheiros. Transmitiam-lhes oralmente os fundamentos de suas crenças e ritos, celebrando, na clandestinidade, os sacrifícios e os cultos trazidos da África. Realizava-se também a recomposição do mundo divino e espiritual negro, em confronto e sincretismo com a religião cristã. Isso constituiu outra importante fonte de resistência na luta comum pela sobrevivência, pela liberdade e pela identidade.

Não foi difícil para os negros fazer um certo sincretismo entre seus Orixás e Ancestrais (Xangô, Eleguá, Oxóssi, Ogum, Orum) com alguns santos católicos. Muitos deles, segundo os negros, apresentavam-se em imediata similitude com o caráter do Orixá em questão.

AS DEVOÇÕES — O povo negro é profundamente religioso. Em quase toda casa, há altarzinho, em lugar reservado, com imagens, entre as quais a de Nossa Senhora do Rosário e a do Preto Velho. Deus é presença viva, alegre, constante e força maior. Nossa Senhora é a grande mãe. O Preto Velho tematiza os Antepassados e a mãe-Africa. O

culto afro é exuberante, alegre, dinâmico, com danças, cantos, gestos, muitos instrumentos musicais e personagens enfeitados. A presença do sagrado vai junto ao corpo, permanentemente, através de imagens e símbolos.

IRMANDADES E CONFRARIAS — Irmandades e confrarias católicas, de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, de São Benedito, de Santa Ifigênia, de Santo Antônio de Catageri, foram espaços significativos de organização dos negros escravos e de seus descendentes até hoje. Embelezavam suas igrejas para em nada ficar a dever às dos brancos. Realizavam suas festas com todo brilho e esplendor, e conseguiam fazê-las mais animadas e freqüentadas que as de outras irmandades e mesmo da Matriz dos arraiais e das cidades.

Uma herança importante desta ligação com a Igreja é, ao mesmo tempo, de preservação da tradição africana encontrada nas corporações de negros congadeiros, existentes até hoje. Só em Minas Gerais, são mais de 50 mil os integrantes dos ternos de Congada, Moçambique, Reizados e outros, que celebram sua fé católica dentro do ritmo, da dança e da cultura africanas.

Para discutir nos grupos: Discutir o conceito de família negra aberta e nossas famílias fechadas em seu pequeno-burguesismo.